

A Boa Nova

Novembro/Dezembro 2011

UMA REVISTA DE ENTENDIMENTO



A Economia E A PROFECIA BÍBLICA

O Desastre da Dívida dos Estados Unidos da América 7
Tumulto financeiro mundial: Quais são as causas? 10
Qual é seu investimento mais seguro? 13

Índice



123RF/Shawn Venish

A Economia e a Profecia Bíblica 3

Artigo de capa

Os Problemas da Europa: Palco para o Cumprimento da Profecia

Em 1933, Winston Churchill friamente advertiu: “Ninguém pode assistir os eventos que estão ocorrendo na Alemanha, sem aumentar a ansiedade sobre qual será seu resultado”. Com uma crise econômica agora que assola a zona do euro, a conturbada história de Berlim, pode se repetir? Qual é o destino da Alemanha? Será que a profecia bíblica pode nos dar alguma indicação do rumo dos eventos na Europa?3

Barra lateral: “Será que o Euro Entrará em Colapso?”5

Barra lateral: A Dívida de Europeus e Norte-Americanos—Não há Saída Fácil6



Photos.com

A dívida está colocando em risco o futuro da América 7

O Desastre da Dívida dos Estados Unidos da América

O recente debate sobre o aumento do limite da dívida dos Estados Unidos mostrou uma liderança nacional amargamente dividida sobre as prioridades do país e como lidar com a explosão da dívida. Quais são as grandes implicações desse desastre?7

Tumulto financeiro mundial: Quais são as causas?

Nada tem dominado tanto o noticiário nos últimos anos como a crise econômica, que ainda assola muitas nações. Qual é o fundamento desse problema? Vamos examinar alguns princípios financeiros a partir de uma perspectiva bíblica.10

Qual é seu investimento mais seguro?

As famílias têm sido duramente atingidas pela recente crise econômica. A renda pessoal de muitos tem diminuído, e os valores dos imóveis e fundos de aposentadoria se desvalorizaram muito. Onde você pode encontrar um investimento realmente seguro?13



iStockphoto

Existe algum investimento seguro? 13

Moradas Postais

Estados Unidos da América:

Igreja de Deus Unida (Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)
P O Box 541027,
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:

United Church of God
P O Box 705,
Watford, Herts
WD19 6FZ
Telefone: +44 (0)20-8386-8467


Brasil:

Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 7,
Montes Claros – MG,
CEP 39400-970
Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet: www.revistaboanova.org / www.gnmagazine.org / www.beyondtoday.tv / www.ucg.org

e-mail: info@ucg.org

© 2011, Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*. Todos os direitos reservados.

A map of Europe with the German flag (black, red, and gold horizontal stripes) overlaid on Germany. Twelve yellow stars are arranged in a circle around the map, similar to the European Union flag. The title 'Os Problemas da Europa' is written in large, bold, white letters with a black outline at the top.

Os Problemas da Europa

Palco para o Cumprimento da Profecia

por John Ross Schroeder

Em 1933, Winston Churchill friamente advertiu: “Ninguém pode assistir os eventos que estão ocorrendo na Alemanha, sem aumentar a ansiedade sobre qual será seu resultado”. Com uma crise econômica agora que assola a zona do euro, a conturbada história de Berlim, pode se repetir? Qual é o destino da Alemanha? Será que a profecia bíblica pode nos dar alguma indicação do rumo dos eventos na Europa?

O falecido autor britânico John Stott resumiu a mentalidade de muitos desta maneira: “A maioria de nós nos sentimos desmoralizados pela triste tragédia deste mundo caótico. Nossa própria sobrevivência está em cheque. O cidadão comum muitas vezes se sente uma vítima indefesa da teia da política, ou uma peça sem rosto na máquina da sociedade moderna” (*Christianismo Básico*, 2008, página 152).

O apóstolo Paulo predisse que as condições seriam assim nos últimos dias desta era do homem (2 Timóteo 3:1-5). É por isso que os nossos artigos sobre as tendências regionais e mundiais, em última instância, concentram-se na boa notícia garantida pelas profecias da Bíblia.

Mas a própria Bíblia deixa bem claro que o maravilhoso mundo porvir primeiro será precedido por condições devastadoras de uma magnitude nunca antes vista pela raça humana (ver Mateus 24:21-22; Daniel 12:1, Jeremias 30:7). A situação do mundo será tão terrível que a sobrevivência humana estará em jogo!

As manchetes das notícias mostram que as profecias escritas na Bíblia há muitos séculos atrás estão começando a ser cumpridas de uma maneira significativa. Em nenhum outro lugar isto é mais verdadeiro do que na Europa Central e Oriente Médio. Este artigo concentra-se na Europa

(de qualquer forma você consegue compreender o papel profético de outras regiões, lendo nosso livro gratuito *O Oriente Médio na Profecia Bíblica* e artigos sobre Israel e o Oriente Médio, que aparecem regularmente nesta revista).

O que é que a profecia bíblica nos diz sobre o futuro da Europa? Os livros bíblicos de Daniel e Apocalipse mostram que uma nova e ditatorial superpotência surgirá no tempo do fim, localizada na Europa. Neste artigo vamos ver como o cenário está aparentemente sendo preparado para o cumprimento dessas profecias.

Europa como uma entidade unificada

A Europa é um protagonista na economia global. Apesar de toda a conversa sobre as economias dos Estados Unidos e China, a União Europeia (UE) é o maior e mais poderoso bloco do mundo e a economia mais rica.

A Europa também tem sido o campo de batalha para incontáveis guerras ao longo dos milênios e também foi o ponto de partida das duas devastadoras guerras mundiais na primeira metade da década de 1900. No centro dessas duas guerras mundiais pelo controle da Europa estava a Alemanha, agora política e economicamente envolvida com outras nações europeias na busca de um Estados Unidos da Europa.

A empresa global de inteligência ‘Strategic Forecasting’, mais conhecida como Stratfor, é altamente respeitada por sua análise das tendências globais e regionais. Meses atrás, declarou que “o futuro da Europa [está] vinculado ao processo de tomada de decisão na Alemanha” e que “a Europa não pode funcionar como uma entidade unificada a menos que alguém esteja no controle”.

E passou a explicar que “neste momento, a Alemanha é o único país com uma economia e população suficientemente grande para ter esse controle” (“A Escolha da Alemanha: Parte 2”, 26 de julho de 2011, grifo nosso em todo o texto). Nos últimos meses temos visto isso demonstrado quando uma e outra vez a Alemanha se posicionou—às vezes abertamente, às vezes nos bastidores—para assumir a liderança da futura direção da Europa.

Atualmente existem dois cenários básicos para o futuro da Europa. O ponto de vista mais popular sustenta que a atual geração de alemães tornaram-se firmes defensores da liberdade e da democracia, estando plenamente consciente dos perigos de repetir a embaraçosa história de Berlim, durante a primeira metade do século vinte—quando suas ambições levaram-nos a duas guerras mundiais.

O segundo ponto de vista é que uma prolongada e persistente crise do euro, ini-

cialmente impulsionada pela dívida grega, mas que depois se espalhará paulatinamente para outras economias europeias, acabará resultando no surgimento de uma potência econômica que pode intervir e resolver a crise—um império novo liderado pela Alemanha.

Os proponentes desta projeção das tendências atuais acreditam que as nações do sul da Europa estão condicionadas a estar sob a influência de Berlim e que, a longo prazo, até mesmo os grandes resgates realizados pela Alemanha valerão a pena, apesar dos enormes custos. Em outras palavras, a Alemanha vai ser bem sucedida em alcançar seu objetivo através de seu poder econômico, o qual fracassara em tentar através da força militar por duas vezes no século passado.

A história e a Bíblia indicam quem acabará prevalecendo?

“É tudo à volta da Alemanha”

As duas guerras mundiais iniciadas pela Alemanha, têm dominado frequentemente os ansiosos pensamentos do pós-guerra de outros países europeus. Em 1997, o então presidente francês Valéry Giscard d’Estaing alertou que um fracasso nos esforços para integrar a Europa economicamente (levando ao atual euro) conduziria a “uma influência preponderante da Alemanha” nos assuntos europeus (Celestine Bohlen, “A Unidade do Euro? É a Alemanha que conta”, *The New York Times*, 9 de março de 2010).

A base racional dos outros países europeus nas últimas décadas tem sido a de encaixar bem a Alemanha dentro da União Europeia para evitar que suas notórias tendências nacionalistas do passado ameacem sua soberania e integridade territorial. Este tem sido um poderoso motivador por trás da movimentação constante a rumo da integração europeia em uma eventual Europa unida.

Mas essa estratégia realmente irá funcionar como esperado a longo prazo, considerando os diferentes povos e culturas da Europa? De qualquer maneira, com a Europa enfrentando uma dolorosa crise e uma divisão econômica, será que Berlim acabará dirigindo as atividades da União Europeia?

Parece que agora a resposta está se tornando mais clara. O artigo citado diz: “Dez anos depois do euro, o assunto ainda é acerca da Alemanha, o que não é da maneira que devia de ser . . . O presidente

da França, Nicolas Sarkozy, pode buscar e garantir todo o apoio para a Grécia que quiser, mas no final das contas, a Alemanha é quem importa” (ibidem).

A revista Newsweek recentemente assinalou: “Quem é o maior beneficiário da existência do euro? A resposta é a Alemanha . . . O resto da zona do euro absorve quarenta por cento das exportações alemãs . . .” (John Eatwell, “A Visão do Euro” [Euro Vision], 5 de setembro de 2011).

O relatório de Stratfor citado anteriormente também observou: “Apesar de suas falhas, o sistema que gere atualmente a Europa proporcionou com que a Alemanha alcançasse uma riqueza econômica de projeção global sem custar uma única vida alemã. Considerando os horrores da Segunda Guerra Mundial, isso não seria algo que pode ser desprezado levianamente. Nenhum país na Europa tem se beneficiado tanto da zona do euro como a Alemanha. Para a elite alemã, a zona do euro foi um meio fácil de fazer com que a Alemanha se alçasse ao cenário global sem nenhum tipo de reestruturação militar, o que teria gerado pânico na Europa e na antiga União Soviética. E também tornou os alemães ricos”.

Caminhando para tomar o controle

A Alemanha claramente está tomando medidas para exercer o controle na atual crise econômica. O relatório de Stratfor também observou que a Alemanha por muito tempo esteve na reserva na arena da liderança europeia, mas agora não está mais.

Com a crise econômica se espalhando entre os países do sul da Europa, a Alemanha é a única potência europeia com vigor financeiro suficiente para socorrê-los—e, discretamente, executou manobras nos bastidores para estar à frente de tudo isso.

A Alemanha criou um novo mecanismo de resgate que, como observa Strafor, “recebe ordens dos alemães. O mecanismo não está estabelecido nos tratados da União Europeia; e sim em um banco privado, cujo diretor é alemão. . . A fim de conseguir o dinheiro, os Estados em dificuldades apenas têm que fazer o que Alemanha—a gestora do fundo—quer . . .

“Aceitar a assistência do Fundo de Resgate Europeu [EFSF] significa entregar sua autonomia financeira aos comandantes alemães do EFSF. Por enquanto, isso significa aceitar os programas de austeridade projetados pelos alemães, mas não

há nada que force os alemães a limitar as suas condições a ações puramente financeiras ou fiscais.

“Para todos os efeitos práticos, agora iniciou-se o próximo capítulo da história na Europa. Independentemente das intenções, a Alemanha tem sentido um importante avanço na sua capacidade de influenciar seus companheiros, os Estados membros da União Europeia—especialmente aqueles que têm passado por problemas financeiros. Agora, ela pode com facilidade usurpar substancialmente uma soberania nacional.

“Ao invés de restringir o potencial geopolítico da Alemanha, a União Europeia agora tem reforçado-o; a Alemanha está próxima de, mais uma vez, se tornar uma grande potência. Isso não significa que uma regeneração da Wehrmacht [força militar] seja iminente, porém a Alemanha está forçando o reaparecimento de uma reavaliação radical das arquiteturas da Europa e da Eurásia”.

“A verdadeira oportunidade para alcançar uma união política na Europa”

A revista britânica *The Economist* observou recentemente: “De repente . . . Berlim está repleta de discursos sobre a reestruturação da União Europeia: A emissão conjunta de eurobônus, a renegociação dos tratados da União Europeia, até mesmo a criação de uma Federação Europeia” (“A Questão Alemã do Euro” [Germany’s Euro Question], 10 de setembro de 2011).

Repentinamente, o replanejamento das instituições da União Europeia tem se tornado o objeto de desejo da Alemanha!

Sendo de particular interesse o restabelecimento do federalismo. O artigo do *The Economist* continua: “Os federalistas europeus da Alemanha despertaram depois de um longo sono. Não é nenhuma surpresa que Joschka Fischer, estadista do Grupo dos Verdes/Aliança Livre Europeia [que foi ministro das Relações Exteriores e vice-chanceler do ex-chanceler alemão Gerhard Schroeder], clamaria pelos ‘Estados Unidos da Europa’”.

De acordo com um artigo da agência *Reuters* de 4 de setembro de 2011, Schroeder também pediu a criação de um “Estados Unidos da Europa”, afirmando: “A atual crise deixa inexoravelmente claro que não podemos ter uma zona de moeda comum e uma política econômica e social

conjunta sem um fiscal em comum . . . *Vamos ter de renunciar à soberania nacional . . . E isso significa os Estados Unidos da Europa . . . Nessa crise encontra-se uma oportunidade real para alcançar uma união política na Europa*".

Os pontos fortes e fracos das nações da zona do euro

Segundo o *The Wall Street Journal*: "O escritório grego de estatísticas informou que a economia encolheu 7,3% no segundo trimestre, ante uma estimativa inicial de contração de 6,9% no mês passado. A economia grega vem se contraindo há três anos" ("*A Grécia Derrapa Ainda Mais*" [*Greece Slips Further*], 9-11 setembro, 2011).

Recentemente Atenas tem estado a algumas semanas de ficar

descapitalizada e enfrentar o difícil calote da dívida. Em resposta, o governo grego prometeu cobrar um imposto sobre a propriedade para resolver um déficit na receita fiscal do euro de dois bilhões. Mas será que esta medida não trará mais cidadãos gregos às ruas para demonstrar insatisfação e protestar? Alguns observadores sentem que um calote grego é inevitável.

A discussão entre os representantes da União Europeia e do Fundo Monetário Internacional, recentemente terminou em ideias divergentes sobre os termos dos empréstimos que a Grécia precisa desesperadamente para evitar o colapso econômico. Vários outros países do sul da Europa apenas estão ligeiramente melhor do que a Grécia.

Como é que, como afirma o artigo da *Newsweek* outrora citado, "todas as

dívidas nacionais da Grécia, Portugal e Irlanda somam menos de cinco por cento da dívida da zona do euro", e ainda assim toda a zona do euro pode ser seriamente abalada pelos problemas dessas dívidas? Isso mostra claramente falhas estruturais de grande proporção na forma como inicialmente o euro foi criado como uma nova moeda no início de 1999.

Isso provavelmente tem razão de acontecer, pois pouco antes do estabelecimento do futuro governo de Jesus Cristo na terra, a Bíblia fala de uma futura superpotência europeia onde os países que a compõem são simbolicamente descritos como ferro misturado com barro, "em parte forte e parte frágil" (veja Daniel 2:40-44).

O futuro preocupante da Europa

O regime nazista de Hitler (1933-1945)



"Será que o Euro Entrará em Colapso?"

A revista *Newsweek* recentemente relatou: "O caos na zona do euro é que mais contribui para a crise financeira internacional. A causa imediata pode ser políticas imprudentes seguidas por governos e bancos, mas a estrutura institucional da União Monetária Europeia é a raiz do persistente problema" (John Eatwell, "A Visão do Euro", 5 de setembro de 2011).

O artigo da revista passou a questionar: "Poderão os europeus construir as instituições necessárias para realizar uma efetiva união monetária—instituições que demoram cem anos, uma guerra civil e uma Grande Depressão a estabelecer nos Estados Unidos? Ou será que o euro entrará em colapso?"

Três dias depois, o jornal *Financial Times* publicou um artigo afirmando: "A chanceler alemã, *Ângela Merkel*, declarou nesta quarta-feira que 'o euro não fracassará'" ("Merkel Promete que o Euro 'não fracassará'", 8 de setembro de 2011). E o artigo continuou explicando que a chanceler da "Alemanha continuaria exigindo a redução drástica da dívida de seus parceiros da zona do euro em troca de garantias financeiras".

No entanto, Merkel enfrenta uma grande oposição da maioria dos dirigentes da *intelligentsia* burguesa alemã. O jornal *International Herald Tribune* observou que "a crise da dívida da zona do euro está ficando cada vez mais confusa, e a Alemanha, a autointitulada guardiã do

euro, está desempenhando um grande papel no aumento dessa incerteza".

"Apesar das repetidas promessas da chanceler *Ângela Merkel* para manter a Europa unida, a cacofonia de dissidência dentro de seu país está se tornando quase ensurdecedor. O que está lançando novas dúvidas—justificadas ou não—sobre o compromisso da nação com o euro" ("Divergências na Zona do Euro Trazem Mais Incerteza à Alemanha", 12 de setembro de 2011).

O comentarista financeiro Thorold Barker do *The Wall Street Journal* perguntou: "Qual é o futuro do euro se veteranos do Bundesbank [banco central alemão] perderem a fé na instituição encarregada de supervisionar a moeda?" ("Forte Sinal ao Euro", 12 de setembro de 2011).

Uma personagem chave já se resignou do Banco Central Europeu, aparentemente por causa da perspectiva de novas decisões de compra de títulos de tesouro italianos e espanhóis. O artigo acima concluiu com esta dura avaliação: "Mesmo quando comparado a moedas fracas, como o dólar, o futuro do euro como reserva de valor parece sombrio".

Ainda assim, muitos observadores experientes consideram a derrocada da zona do euro nesta fase seja muito improvável porque acreditam que uma catástrofe econômica se espalharia por toda a Europa. E isso traz à memória a Alemanha ao início dos anos 30, quando as condições econômicas eram tão ruins que era preciso um carrinho de mão

cheio de marcos alemães para comprar apenas um quilo de manteiga. Muito tem sido investido em recursos monetários e humanos, e por isso se considera imprudente voltar atrás por causa da crise atual!

Mas essas possibilidades catastróficas são claramente possíveis, se não prováveis, neste mundo de economia e política instável e incerta. Como a revista *Time*, no que parece um contrassenso, declarou no início deste ano: "*De tempos de caos e incerteza podem vir uma ordem mundial que é forte e vital. Isso foi o que aconteceu na Europa há séculos*" (Parag Khanna, "Por uma Nova Renascença", 31 de janeiro de 2011).

Do ponto de vista bíblico, esta declaração quase profética, sem dúvida, tem sido certa inúmeras vezes em séculos passados. Parte da Europa está agora em um '*trabalho de parto*' econômico, mas não se enganem: certamente a Europa está no processo de tornar-se uma grande superpotência imperial, com a Alemanha na linha de frente.

Alguns fatores muito grandes—possivelmente, a crise econômica que está cada vez mais moldando a Europa—irão forçar a transformação da União Europeia em uma nova, poderosa e mais bem integrada aliança. Esta será a última de uma série de renascimentos do antigo Império Romano predito na profecia bíblica. Para entender mais, peça ou baixe nossos livros gratuitos *O Livro de Apocalipse Revelado* e *Estamos Vivendo no Tempo do Fim?* **BN**

só foi possível por causa de uma grave crise econômica na Alemanha durante o final dos anos vinte e início dos anos trinta. Em condições econômicas normais os nazistas nunca poderiam ter chegado ao poder. É claro, a situação é muito diferente hoje. Até este momento não é Berlim, que está enfrentando crise eco-

nômica, mas as outras nações da zona do euro, principalmente no sul da Europa. A Alemanha continua a ser o principal tesoureiro da Europa. Mas ainda pode haver consequências financeiras para a Alemanha.

Hoje, a países da União Europeia estão enfrentando sérias diferenças políticas

e um grau preocupante de divisão e desunião devido principalmente aos graves problemas econômicos. A profecia bíblica indica que a União Europeia não vai continuar na forma em que se encontra.

Alguns membros podem optar por sair da União Europeia, ou talvez até mesmo serem forçados a sair quando a entidade profetizada do fim dos tempos ganhar forma (A Grã-Bretanha, por exemplo, tem divergido muitas vezes com a União Europeia, quase desde o seu início em 1958).

No final das contas, um novo e poderoso super-Estado europeu, chamado simbolicamente de “a Besta”, vai surpreender enormemente esse mundo desatento. Um bloco imponente de nações que se unirão como o último renascimento do antigo Império Romano (Apocalipse 13:1-8; 17:8-18; Daniel 2:37-45; 7:15-27).

Dez países membros (ou grupos de nações) vão renunciar às suas próprias soberanias nacionais para se tornar parte dessa surpreendente superpotência do fim dos tempos. “Estes têm um mesmo intento e entregarão o seu poder e autoridade à besta” (Apocalipse 17:13).

Esses eventos perturbadores afetarão todo o mundo—inclusive criando o cenário dos tempos devastadoramente perigosos no qual aconteceria a extinção humana se não fosse a intervenção de Deus (Mateus 24:21-22).

Uma vez que tudo o que a profecia bíblica prediz certamente acontecerá, todos nós devemos prestar atenção às palavras do apóstolo Pedro. Ele perguntou à luz da instabilidade do mundo que nos rodeia: “Que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade?” (2 Pedro 3:11).

O fato de vermos o cenário montado para a realização das profecias do fim dos tempos deve motivar a cada um de nós a examinar nossa condição espiritual, à luz da Palavra de Deus. Uma compreensão da profecia deve nos levar ao arrependimento e a dedicação de nossas vidas a buscar a Deus e a servi-Lo. Entretanto, um mero conhecimento acadêmico da Bíblia está longe de ser suficiente!

Jesus Cristo claramente nos diz em Lucas 21:36: “Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas essas coisas que não de acontecer e de estar em pé diante do Filho do Homem”! **BN**

A Dívida de Europeus e Norte-Americanos: Não há Saída Fácil

A colunista do *Financial Times*, Gillian Tett, declarou no *FT Magazine*, um suplemento da edição de fim de semana do jornal: “Outra semana, outra crise de nervos sobre o problema da dívida global. Na Europa, há pânico por causa das finanças de países como a Itália ou Grécia. Nos Estados Unidos, a dor de cabeça da dívida norte-americana está ficando cada vez pior. E, no plano prático, milhões de pessoas (como eu) acabam de voltar de férias sentindo-se desconfortáveis com sua próxima fatura do cartão de crédito” (“A Dívida: De Volta para o Futuro” [Debt: It’s Back to the Future], 10-11 setembro, 2011).

O principal artigo da edição de 12 de setembro de 2011 do jornal *International Herald Tribune* pôs a conduta da Europa em questão sobre a sua administração da dívida da zona do euro. O artigo declarou: “Os líderes europeus acreditam que podem evitar um desastre econômico *sem tomar medidas concretas*. Eles continuam fingindo que não vão ter que pedir aos contribuintes para ajudarem a sustentar os bancos fracoss... e que a Europa pode continuar a colher os benefícios da união monetária sem compartilhar das responsabilidades de uma maior união fiscal.

“Ninguém mais acredita nisso—nem o crédito dos mercados, que têm aumentado taxas de juros sobre a dívida soberana, nem o Fundo Monetário Internacional, que tem alertado repetidas vezes que os grandes bancos parecem descapitalizados; e nem a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD), que na semana passada previu um crescimento negativo no próximo trimestre para a Alemanha, França e Itália, as três maiores economias da zona do euro.

“O temor imediato é que um ou mais dos grandes bancos europeus possa falir. A confiança está despencando porque eles detêm muitos títulos da dívida dos

gregos, dos espanhóis e dos italianos. A falência de um grande banco poderia prejudicar a economia norte-americana—o que ajuda a explicar os apelos veementemente de Washington, na semana passada, para que a Europa encontrasse uma estratégia para sua recuperação e crescimento” (“Fantasias Fiscais da Europa” [Europe’s Fiscal Fantasies], grifo nosso em todo o texto).

Desmond Lachman, pesquisador do American Enterprise Institute (AEI), um centro de estudos conservador, escreveu no periódico *The Wall Street Journal* que a crise financeira na Europa possivelmente diminuiria as chances de reeleição do presidente Barack Obama. O sistema financeiro dos Estados Unidos sofre de “exposição maciça aos bancos europeus... de mais de um trilhão de dólares—ou cerca de 45% do dinheiro de todos mercados ativos” (“Os Problemas do Euro Também São Problemas dos Estados Unidos” [The Euro’s Problems Are America’s Too], 9-11 de setembro, 2011). Lachman teme por um calote da dívida soberana da Grécia antes do final do ano.

Ele também disse: “A julgar pelos acontecimentos recentes, o fim do jogo para zona do euro não deve estar longe. As reformas econômicas e fiscais da Grécia parecem ser pouco adequadas, e a crise da dívida já se espalhou da Grécia para Portugal, Irlanda, Espanha e Itália. *Estes dois últimos países são vistos como sendo ambos grandes demais para falir e grandes demais para serem salvos*”.

Essas grandes dificuldades da dívida estão criando enormes problemas na cena geopolítica mundial. Neste ponto, ninguém pode dizer com certeza o que acontecerá no frigid dos ovos. Entretanto, como cidadão realista você não pode fazer nada sobre esses imensos problemas, mas como indivíduo você ainda pode aplicar princípios bíblicos comprovados para sua vida pessoal. **BN**

O Desastre da Dívida dos Estados Unidos da América

by Mike Kelly

O recente debate sobre o aumento do limite da dívida dos Estados Unidos mostrou uma liderança nacional amargamente dividida sobre as prioridades do país e como lidar com a explosão da dívida. Quais são as grandes implicações desse desastre?

Muitos viram o impasse crescente no Congresso dos Estados Unidos entre os republicanos conservadores e democratas liberais.

Esse impasse deplorável ocorrido no final de julho, durante as negociações para elevar o teto da dívida pública federal dos Estados Unidos a partir dos atuais \$14,3 trilhões para \$16,4 trilhões ou mais. A tradição histórica de compromisso no Congresso evaporou-se quando conservadores e liberais democratas se recusaram a ceder suas posições firmes sobre os esforços para cortar bilhões de dólares em gastos federais na próxima década.

Cada lado mantinha-se irredutível apesar do relógio se aproximar da meia-noite do dia 2 de agosto, quando, supostamente, o governo Federal fecharia as portas se um compromisso de teto da dívida não fosse alcançado.

Faltando menos de um dia para se concretizar a ameaça do fecho das portas, o congresso conseguiu chegar a um acordo, que elevaria o teto da dívida em um trilhão imediatamente e outros \$1,7 trilhões em quatro meses. O aumento no teto da dívida seria compensado por cortes no orçamento ao longo dos próximos dez anos, uma condição exigida pelos deputados republicanos, deixando o quadro mais amplo para cortes orçamentários significativos sob a supervisão de um “super comitê” do congresso composto por seis deputados democratas e seis republicanos.

Eles têm até o final de novembro para desenvolver um plano aceitável para o congresso, com alternativa sendo cortes automáticos de \$1,7 trilhão ao longo da próxima década. Desse montante, cerca de metade viria dos gastos com a defesa do país.

As regras básicas para esse super comitê são poucas—tudo está sobre a mesa, incluindo cortes nos programas sociais, tais como a Segurança Social, o Medicare (programa de ajuda médica aos idosos) e o



Medicaid (programa de ajuda médica aos que estão em condições críticas de saúde e financeiras). Do lado da receita, o super comitê poderia extinguir certos benefícios fiscais para empresas e cidadãos ricos, um assunto que os republicanos se recusaram a considerar durante as negociações do teto da dívida.

Então o que isso significa para os Estados Unidos?

O que realmente atingiram os cortes?

Após todo o exagero e drama, logo se tornou evidente que os cortes não foram grande coisa. Os cortes reais para o orçamento federal do ano 2012 se somaram apenas entre \$21 a \$25 bilhões de um orçamento total de \$3,7 trilhões—meramente dois terços de um por cento do orçamento.

Com a idéia do super comitê aprovada, o congresso foi capaz enfrentar a escolhas difíceis no caminho. Mas isso não resolveu a crise da dívida, que tem crescido e se tornado uma ameaça para a própria viabilidade do governo dos Estados Unidos, nem ajudou na criação de empregos extremamente necessários em uma economia mergulhada em uma alta taxa de desemprego que já dura três anos.

No entanto, ao se evitar grandes e imediatos cortes no orçamento, provavelmente, salvou certo número de postos de trabalho na ocasião. E alguns economistas

argumentaram que uma economia fraca e em recuperação poderia ser ameaçada por grandes cortes de gastos federais. O primeiro semestre de 2011 marcou os seis meses de pior desempenho da economia, desde quando a grande recessão econômica mundial terminou oficialmente em junho de 2009.

Em todo o mundo, os observadores políticos e econômicos rotularam o acordo como o “desastre do orçamento dos Estados Unidos”. O congresso mostrou ao mundo um sistema falido que não poderia resolver a realidade da crise da dívida. E, citando o famoso filme “Questão de Honra” (*A Few Good Men*), eles não poderiam lidar com a verdade.

Mas a maior agência de classificação de risco, a Standard & Poors, *compreendeu* precisamente que os Estados Unidos não iriam enfrentar a dura realidade de sua imensa dívida pública. A Standard & Poors prontamente rebaixou sua recomendação sobre títulos do Tesouro dos Estados Unidos de AAA para AA+, o primeiro rebaixamento do rating de créditos da história dos Estados Unidos. A notícia repercutiu nas instituições financeiras de todo o mundo, e o mercado de ações dos Estados Unidos caiu.

Mas, como alguns haviam chamado a atenção, os Estados Unidos fez isso a si mesmo!

Os cortes no orçamento foram verdadeiramente insignificantes, e mesmo assim o acordo foi feito, abrindo caminho para um aumento no teto da dívida dos Estados Unidos a partir de seu limite atual de \$14,3 trilhões. O risco de default foi evitado por enquanto, o que provavelmente teria efeitos catastróficos sobre o endividamento dos Estados Unidos. Os futuros compradores de títulos do tesouro norte-americano exigiriam juros mais altos para compensar a percepção de que os Estados Unidos, agora o maior devedor do mundo, já não era o devedor mais *confiável* do mundo.

Ninguém quer admitir a dura realidade

Assim, voltamos à questão do que significa o acordo para o país.

Lembre-se do quadro referido anteriormente—apenas \$21 a \$25 bilhões foram cortados de um orçamento \$3,7 trilhões. A concessão pode ser comparada a uma pequena lombada na estrada dessa dívida desenfreada. O déficit orçamentário de \$1,29 trilhões em 2010 foi o maior da história dos Estados Unidos até agora, mas esse déficit seguiu crescendo e alcançou cerca de \$1,7 trilhão no ano fiscal de 2011.

Desde o dia 2 de agosto, não houve desaceleração do endividamento do governo. Com a falta de restrições, a dívida rapidamente saltou para 14,7 trilhões de dólares já em 9 de setembro. A rede de TV CNN informou que a previsão é que essa dívida alcance mais de \$23 trilhões no ano fiscal de 2021, e depois continuará a subir.

Os juros sobre essa dívida também aumentarão. Os Estados Unidos pagou mais de \$383 bilhões em juros sobre a dívida no ano fiscal de 2009, que aumentou para mais de \$413 bilhões no ano fiscal de 2010, e tem uma projeção de pagarem \$434 bilhões no ano fiscal de 2011.

Com a faixa atual de aumento, e pelas taxas de juros um pouco maior por causa do rebaixamento do rating de crédito, esses juros anuais poderiam facilmente atingir mais de \$700 bilhões até 2019. Então, dentro de alguns anos, *somente os juros da dívida* poderão se igualar ou superar ao atual orçamento da defesa dos Estados Unidos, que é cerca de \$665 bilhões de dólares.

Uma dívida galopante forçará a escolhas dolorosas

Tudo isto tem implicações importantes para o futuro dos Estados Unidos. Isso significa sobrecarregar as futuras gerações de norte-americanos com o pagamento da dívida em curso que não tem previsão de fim. Até o final desta década a grande maioria das receitas fiscais federais está projetada para ser consumida por juros da dívida e pelos pagamentos ao Medicare, à Medicaid e à Segurança Social. Pouco seria deixado para a tão vital defesa nacional e para centenas de outras áreas do governo federal.

O peso da dívida também reduz a capa-

cidade da nação em fazer futuros investimentos em infra-estrutura energética e outras necessidades físicas cruciais. Os Estados Unidos alcançaram a prosperidade após a Segunda Guerra Mundial, isso ocorreu em parte porque houve investimentos em rodovias interestaduais, aeroportos modernos e uma desenvolvida rede elétrica. Mas esta infra-estrutura está se desintegrando.

Por mais de uma década, a Associação Norte-Americana de Engenheiros Civis tem soado o alarme sobre a deterioração da infra-estrutura do país. Em sua estimativa, são necessários 2,2 trilhões para consertar a infra-estrutura dos Estados Unidos. Mas quaisquer fundos para atender a estas necessidades urgentes teriam de ser emprestados, e isso só pioraria o problema da dívida.

Também está reduzida a capacidade da nação de responder à onda de desastres naturais que têm atingido os Estados Unidos este ano. Como uma praga, desastres como o furacão Irene e uma onda destrutiva de tornados que em abril e maio varreu a terra, levando centenas de vidas e causando prejuízos de centenas de bilhões de dólares. O mês de setembro viu incêndios florestais em todo o Texas, atingido pela pior seca em quase um século. Mas a Agência Federal de Gestão de Emergências (FEMA) está perto da falência, pois sua reserva em caixa é de menos de \$800 milhões ao início de setembro de 2011.

Uma visão profundamente perturbadora do futuro

O crescente temor mundial de calote norte-americano dizimou a confiança de milhões de investidores. O valor das carteiras de ações despencou, com as médias em ambos o Dow Jones e o S&P 500 atingindo os pontos mais baixos em dois anos.

Justamente quando a economia precisa desesperadamente do estímulo natural de gastos dos consumidores, milhões de consumidores estão fechando suas carteiras, com medo de gastar e apreensivos sobre o futuro. A frase “dupla recessão” tem sido-se frequentemente utilizada nos últimos tempos.

Três anos após o colapso das hipotecas no outono de 2008, o mercado imobiliário continua cambaleante e até as construtoras se recusam a construir novas casas em um mercado ainda inundado com

hipotecas executadas. Os bancos detêm bilhões em dinheiro, mas estão relutantes para conceder novos empréstimos hipotecários. Com a construção de novas casas em níveis deprimentes, o efeito cascata na economia também tem reduzido a demanda por novos móveis e outros itens domésticos.

Os idosos buscando se aposentar e os “baby boomers” vindo com preocupação sua futura aposentadoria por causa do coro crescente de vozes influentes que advogam pela reforma do direito como parte da solução para a crescente dívida dos Estados Unidos.

A Seguridade Social, promulgada em 1930, é amplamente vista como um plano de aposentadoria por milhões de pessoas que não têm outra fonte de renda, uma vez que deixem de trabalhar. Certamente pode-se argumentar que as pessoas que trabalharam toda a vida e pagaram o sistema da Seguridade Social devem obter o retornos desses benefícios. Mas é cada vez mais unânime a ideia de que grandes ajustes nesses programas são inevitáveis se o governo federal não tomar uma decisão séria sobre a redução da dívida.

Em suma, o acordo da dívida evitou temporariamente um desastre, mas só isso. Mohamed El-Erian, que dirige o gigantesco fundo de títulos Pimco, considerou o acordo como incompleto e falho. “Exceto pela extinção do risco de inadimplência proveniente de uma crise auto-fabricada, não há nada de bom sobre a negociação do teto da dívida da América”, escreveu ele (citado por Fareed Zakaria, “Falha no Acordo da Dívida” [The Debt Deal’s Failure], *Time*, 4 de agosto de 2011).

Nenhuma boa escolha—somente escolhas ruins e péssimas

Os economistas são conhecidos por suas divergências sobre a política econômica, mas quase todos concordam que a nação enfrenta agora um dilema simples. Se reduzir os impostos, muitos funcionários públicos e aqueles que dependem de contratos com o governo ficariam sem trabalho. Se aumentar as despesas de modo keynesiano, estimulando a economia, a dívida nacional crescerá ainda mais. Mas grandes cortes nos gastos federais aumentaria as dificuldades para milhões de pessoas que dependem de programas assistencialistas do governo, possivelmente agravando o problema do

desemprego e, potencialmente, levaria a economia de volta à recessão. As escolhas são dolorosas.

Talvez mais preocupante do que estas escolhas rígidas é a diminuição dos Estados Unidos aos olhos do mundo.

Fareed Zakaria, indiano naturalizado norte-americano, trabalhou como chefe de redação da revista *Foreign Affairs* (Relações Exteriores) e como editor da revista *Newsweek International* antes de se tornar editor-chefe da revista *Time* e ser âncora de um programa da CNN cobrindo assuntos nacionais e internacionais. Na coluna citada acima, ele demonstrou os prejuízos sofridos no exterior pelos Estados Unidos no recente circo mascarado como política pública:

“O mundo uma vez olhou para os Estados Unidos da América com admiração, como nós construímos um sistema de rodovias interestaduais, criamos a melhor educação pública do mundo, colocamos um homem na lua e investimos nas fronteiras do conhecimento. Mas não é assim que o mundo vê os Estados Unidos hoje.

“As pessoas assistiram ao que aconteceu no mês passado e não podiam compreender. Pegamos em algo que o mundo nunca duvidou—a credibilidade dos Estados Unidos—e esta foi posta em questão. A partir de agora, toda vez que o teto da dívida tiver que ser debatido, o mundo vai perguntar: O Estados Unidos vão conseguir honrar seus compromissos? Será que vai manter sua palavra? O sistema irá quebrar? Nós pegamos no nosso recurso mais precioso, a confiança do mundo, e apostamos com ele”.

“Há algo fundamentalmente errado com o Estados Unidos?”

Em todo os Estados Unidos e ao redor do mundo cada vez mais ecoam vozes como a de Zakaria. No *The Post Global*, um blog de notícias internacionais, o escritor Phillip Balboni posta a questão: “Há algo fundamentalmente errado com o Estados Unidos?”

E ele continua a dizer: “O Estados Unidos estão a passar por um período de profundo mal-estar político. Raramente houve na história do país uma situação onde os dois principais partidos estivessem tão amargamente divididos e fossem tão incapazes de chegar a um consenso pelo interesse nacional. Os norte-americanos comuns estão preocupados e pro-

fundamente frustrados. Muitos estão com raiva.”

Sua Bíblia, acredite ou não, tem algo a dizer sobre a condição econômica dos Estados Unidos. Dedique alguns minutos e leia Levítico 26 e Deuteronômio 28, conhecido como os capítulos das “bênçãos e maldições”. Observe especialmente Deuteronômio 28:43-44 e reflita sobre este fato: *O Estados Unidos passou da principal nação credora do mundo para a maior nação devedora da história da humanidade, tudo isso no espaço de menos de vinte anos.* Esses versículos aqui não parecem ser exatamente a atual situação dos Estados Unidos?

As advertências nesses capítulos descrevem uma série de maldições que, ao ser lidos, se parecem muito com as manchetes nacionais de hoje—calamidades e fracassos agrícolas, doenças, guerras, secas, falhas militares, doenças mentais, sofrimentos emocionais, desordem social, explosão de dívidas e, finalmente, o colapso nacional. É um vislumbre sóbrio e terrível do futuro se os americanos não se acordarem, se não se arrependerem de seus muitos pecados e se não voltarem para o Deus que nos criou e tão abundantemente tem abençoado essa nação por tantos anos. Mas o mesmo é verdade para todas as nações.

A história mostra que o peso esmagador da dívida do governo pode trazer o declínio nacional e a queda. O livro *O Declínio e Queda do Império Romano* [*The Decline and Fall of the Roman Empire*], de Edward Gibbon, por quase dois séculos tem sido a obra clássica sobre o porquê da queda de Roma. Gibbon citou excesso de impostos e a dívida pública como uma das principais causas do colapso do império.

Muito além de desastres, um futuro brilhante

O recente acordo sobre a dívida dos Estados Unidos no Congresso não conseguiu resolver o problema do crescimento dessa dívida do país e tudo o mais que prenuncia. Mas a boa notícia é que há esperança. Apesar de os líderes dos Estados Unidos criarem esses problemas e falharem completamente em resolvê-los, você tem uma escolha nas decisões que você faz em sua vida.

Além disso, por mais inacreditável que possa parecer para quem lê as manchetes de hoje, uma nova ordem econômica

mundial está chegando. Mas não é uma em que as pessoas ou nações conseguirão trazer—na verdade, seria impossível para os seres humanos fazer isso acontecer.

Esta revista tem ensinado por anos a verdadeira identidade dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá, Austrália e outros grandes países de língua Inglesa. Esta é uma chave vital para compreender como as coisas vão piorar antes de finalmente serem resolvidas de maneira positiva. A boa notícia é que uma nova ordem econômica mundial está a caminho, e é como você nunca imaginou. Independentemente dos Estados Unidos conseguir ou não lidar com sua dívida, que resultaria em um mal-estar econômico, você pode garantir seu lugar no mundo emocionante próspero que está por vir! *BN*

Para Saber mais...

O que a profecia bíblica revela acerca do tempo do fim e dos acontecimentos que nos trazem a esse tempo?



Para saber mais, faça o download ou solicite a sua cópia gratuita dos livros “Estamos vivendo no Tempo do Fim?” e “Você pode entender a Profecia Bíblica.”

www.revistaboanova.org

Tumulto financeiro mundial: Quais são as causas?

por Ewin Barnett

Nada tem dominado tanto o noticiário nos últimos anos como a crise econômica, que ainda assola muitas nações. Qual é o fundamento desse problema? Vamos examinar alguns princípios financeiros a partir de uma perspectiva bíblica.

Independentemente do local onde vivem, quase todo mundo sentiu no bolso o aumento nos preços e impostos, com probabilidade de piora no horizonte—para não mencionar os problemas das crises orçamentárias, escalonamento das dívidas e o desemprego que ameaçam cada vez mais governos e cidadãos.

Qual é a origem de tantos problemas? Vejamos algumas realidades básicas sobre a economia para obter uma melhor compreensão da turbulência financeira mundial.

A economia diz respeito a comportamento e escolhas

Todas as molas propulsoras da interação econômica são causadas por seres humanos expressando desejos e necessidades através de ações deliberadas para melhorarem suas condições.

No centro das decisões econômicas estão as nossas limitações em termos de recursos e de tempo de vida. A maneira como alocamos recursos e os priorizamos reflete em nossos pensamentos, desejos e valores. Assim, a economia é muito mais sobre nosso comportamento e escolhas do que sobre dinheiro.

Jesus disse que da abundância do coração fala a boca (Lucas 6:45)—as palavras de uma pessoa refletem os valores que motivam os seus pensamentos. Da mesma forma, poderíamos dizer que da abundância do coração fala o seu *bolso*, como as pessoas usam o dinheiro para o que acham importante para si.

O respeitado economista Carl Menger abre seu livro *Os 1.871 Princípios da Economia* com a declaração: “Todas as coisas estão sujeitas à lei da causa e efeito”. Isso é um paralelo com as Escrituras, que está cheia de causa e efeito espiritual, como nas bênçãos e maldições de Deuterônimo 28 e pelo fato de que colhemos o que semeamos (Gálatas 6:7). Nosso

comportamento e escolhas têm sempre consequências espirituais. E muitas vezes têm consequências econômicas.

Como é formada a riqueza?

Desde o princípio da humanidade, as pessoas têm-se desenvolvido e produzido coisas. Por exemplo, têm-se dedicado à pesca, à caça e domesticado animais; têm extraído os minerais da terra, e criaram obras de arte.

Embora as pessoas tenham gostos e opiniões diferentes, é ao que damos valor que se torna a nossa ‘riqueza’ ou ‘prosperidade’. Parte da nossa riqueza está em forma da nossa moradia, nossos imóveis e outros bens. A nossa riqueza inclui também a nossa capacidade de trabalhar e de ganhar a vida. Algumas formas de riqueza são prontamente conversíveis em dinheiro, outras não.

Um lugar maravilhoso para ver muitas dessas maneiras de formação de riqueza está nos elogios à esposa engenhosa e trabalhadora de Provérbios 31:10-31. Embora mencione que esta mulher tenha muitas habilidades, a carpintaria não é uma delas. Podemos supor que, quando ela expandiu a sua sala de costura, ela contratou carpinteiros. Por outro lado, os carpinteiros poderiam ter decidido contratar um ferreiro para criar algo feito de ferro. Quando as pessoas decidem a sua própria ocupação, isso leva à “divisão do trabalho”, que é um fator vital na criação de riqueza.

Outro fator na formação de riqueza é o livre intercâmbio de serviços e mercadorias. Na verdade, o livre intercâmbio é a *única* forma de interação econômica através do qual a riqueza de todos os interessados aumenta. O livre intercâmbio pode ser visto em muitas das parábolas de Jesus, como a da pérola de grande valor (Mateus 13:45-46).

O último fator principal na formação de

riqueza é a poupança. A ‘riqueza’ usada para comprar novos equipamentos ou para iniciar um novo negócio só pode vir de pessoas que tenham poupado. Quanto maior a poupança mais riqueza disponível para investimentos de capital e resulta em maior produtividade do trabalhador e em novas oportunidades para gerar mais riqueza.

É claro, a riqueza total só é aumentada apenas pela atividade que *produz* mais do que consome. E temos de perceber que a riqueza e o dinheiro não são exatamente a mesma coisa. Na verdade, a confusão nesse ponto é uma das causas da atual crise financeira.

Essa crise mostra que a riqueza também pode ser erroneamente adquirida por meios pecaminosos—através da extorsão de outras pessoas, seja por violência, coerção, fraude ou desonestidade perpetradas por indivíduos ou pelo governo.

O papel de Deus na riqueza é principalmente o de bênçãos—por intervir na obtenção ou formação de riqueza em harmonia com a Sua lei e por dar àqueles que O amam a clareza de ideias e compreensão pela qual eles podem ser qualificados e prudentes na gestão de seus assuntos pessoais (ver Êxodo 35:31; 1 Reis 4:29, Salmos 111:10; Daniel 9:22). Apesar de Deus querer que aqueles que O amam prosperem, Ele é focado muito mais em nossa riqueza espiritual do que em nossa riqueza material (Hebreus 11:24-26).

Deus também decreta a posse justa da riqueza, colocando igual importância na propriedade privada que Ele diretamente protege em dois dos Dez Mandamentos; o oitavo, que proíbe o roubo, e o décimo, que proíbe a cobiça (Êxodo 20:15, 17).

O que é o dinheiro?

O conceito de dinheiro surgiu em parte porque era impossível dividir um item de grande valor, como um boi, quando fosse

trocado por algo de valor muito menor. O dinheiro deveria ser facilmente divisível, durável e difícil de falsificar. O dinheiro tem três papéis—um meio de troca de valor, uma forma de riqueza armazenada e uma unidade de contabilidade. Novamente, o dinheiro não deve ser confundido com a riqueza que ele representa.

Deus, em Deuteronômio 14:23-26, mostra que a riqueza na forma de grãos ou de gado pode ser trocada por dinheiro, e que pode depois ser trocado por alimentos. Observe que a riqueza é mantida mesmo que sua forma seja alterada. Hoje, é comum as pessoas manterem apenas uma fração de sua riqueza total no banco e outra ainda menor na forma de dinheiro em seu bolso.

Quando o dinheiro é feito de algo que por si mesmo tem valor, como ouro ou prata; o dinheiro tem seu próprio valor intrínseco à parte do governo. Esse dinheiro é adquirido através da troca de valor por valor, e esse valor seria difícil para qualquer terceiro, como o governo, conseguir influenciar ou manipular.

Quando o dinheiro é apenas um pedaço de papel, o seu valor é inicialmente determinado por decreto governamental. Por si mesmo, um pedaço de papel-moeda ou um cartão de plástico quase não tem nenhum valor. A moeda eletrônica nem sequer existe na forma material. Por exemplo, dez alqueires de trigo é trocado por cem dólares em dinheiro eletrônico em uma conta bancária que só existe em um computador. Não existe um valor intrínseco.

Enquanto o dinheiro em si está sujeito à lei da oferta e da procura, porque não é usado até que seja uma mercadoria como óleo ou trigo. Se a oferta de dinheiro em circulação aumentar, diminui o seu valor, por isso temos que dispor de mais dinheiro para comprar os mesmos itens. O dinheiro de papel pode ser impresso à vontade. A oferta de moeda eletrônica pode ser alterada com um clique do mouse. Mas se o ouro ou a prata for usado como dinheiro, o montante disponível para uso não podem ser mudados rapidamente ou por um capricho político.

A inflação é uma forma de roubo

Quando o governo gasta o dinheiro recém-criado por mero decreto, a riqueza que o dinheiro representa vem de todos as

pessoas que têm essa moeda pela diluição de seus valores. Então mais dólares (ou euros, ou reais, ou ienes, ou rublos) estão perseguindo a mesma quantidade de bens e serviços. Isso resulta em aumento de salários e preços, um efeito que chamamos de “inflação”. Na verdade, é uma forma sutil de roubo, porque o dinheiro vale menos do que valia antes. E há outras consequências.

E visto que as pessoas põem mais valor a receber algo agora ao invés de mais tarde, o dinheiro passa a ter um valor de tempo. Quando combinado com o risco, isso leva ao conceito de juros. Quando as pessoas pedem dinheiro emprestado, o que realmente está sendo emprestado é a riqueza que o dinheiro representa. O credor [o que empresta] só irá emprestar livremente se ele puder esperar para ser reembolsado e ser compensado pelo risco que correu.

No entanto, se ao longo da duração do empréstimo o dinheiro for sujeito à inflação, em seguida, o mutuário [aquele que pediu emprestado] estará pagando com dinheiro que tem um valor menor. Isso funciona em detrimento do credor [o que empresta] e vantagem do mutuário [o que pediu emprestado]. Quando o empréstimo se estende ao longo de décadas, até mesmo uma modesta inflação pode destruir uma parte substancial da riqueza reembolsada ao credor [o que emprestou]. Por exemplo, uma taxa de inflação de quatro por cento por ano, ao fim de vinte anos, um real (ou um euro) desvaloriza-se para um valor de só quarenta e seis centavos.

Em Deuteronômio 25:13-15 Deus instruiu Israel para manter honestos pesos e medidas. Quando o governo inflaciona o valor do dinheiro por uma política deliberada, isto destrói a quantidade de riqueza a ser paga em contratos de longo prazo e empréstimos. É o mesmo que ter pesos e medidas desonestas—de novo, uma forma de roubo.

Uma grande maioria dos títulos de longo prazo de dívida [empréstimos de longo prazo] é emitida pelos governos. Os funcionários do governo falam abertamente sobre imprimir dinheiro novo para pagar os juros da dívida dos títulos anteriores. Mas nenhuma desta impressão de dinheiro cria qualquer nova riqueza, prosperidade, ou recursos. A

impressão de dinheiro só pode induzir a uma *miragem temporária* de prosperidade que se desvanece quando o dinheiro pára de ser impresso.

E quanto aos preços?

Os preços têm duas funções em uma economia. Eles facilitam a troca de valor por valor. Nós igualamos o dinheiro com a riqueza, pois quando vamos às compras, olhamos para os preços em valores monetários, não em termos de horas trabalhadas ou de sacas de trigo ou de barris de petróleo.

Os preços também são um sinal (ou uma indicação) para todos os outros participantes da economia em geral sobre o valor relativo das coisas, enviando sinais que ajudam a todos a ajustar suas próprias expectativas e planos. E também ajudam as empresas a definir os níveis de produção.

Os preços, em seguida, nos permitem facilmente fazer julgamentos sobre o valor relativo. Devemos trabalhar uma hora extra ou ir ao cinema? Este par de sapatos está com o valor melhor do que o outro?

Quando algum terceiro se intromete na economia, isso distorce os sinais sobre valores relativos na multidão de produtos e na qualificação dos trabalhadores. Essas distorções levam a decisões e planos errados sobre possíveis investimentos. Isto é especialmente verdadeiro quando o governo se intromete no sistema financeiro e distorcem o valor do dinheiro sobre um prazo de tempo através da manipulação de taxas de juros. Estas decisões causam o que o proeminente economista do século XX, Ludwig von Mises, chamou de *mau investimento*.

Por exemplo, nos anos recentes quando as pessoas pensavam que as moradias eram um bom investimento, e que os empréstimos para habitação estavam muito disponíveis, muitos *investiram mal* em uma casa maior e mais cara do que a que poderiam ter comprado. No avanço da meta política dos governos de melhoram as vivendas dos cidadãos, os governos também relaxaram os padrões de aprovação de empréstimos.

Muitos empréstimos foram concedidos a pessoas com um histórico de crédito ruim. Esse dinheiro fácil permitiu aos compradores aumentarem os preços das

casas. As construtoras viram isso como um sinal para construir mais casas novas com características de luxo. As empresas de materiais de construção, então, construíram novas fábricas. Os investidores viram estes sinais de preços como a confirmação de que a economia estava sólida, e assim por diante.

E o momento veio em que foi percebido que muitos proprietários de casas não podiam sustentar o nível de dívida que tinham arcado e que muitos empréstimos sofreriam calote. Isso causou um efeito cascata de sinais através da economia dos Estados Unidos, causando retração e contração. Os preços dos imóveis em algumas áreas caíram quase a metade do que estavam no auge do mau investimento. Por isso, nós sofremos um ciclo de negócios de altos e baixos justamente porque temos o dinheiro desconectado da riqueza.

Em Lucas 14:28, Jesus perguntou: “Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar?”

No entanto, mesmo quando consiga calcular o custo de um grande projeto até o último centavo, se o valor da moeda mudar ao longo do tempo do projeto você não poderá mais calcular o custo em termos de riqueza. E pior ainda, você não pode antecipar de forma confiável se um novo negócio, fábrica ou prédio de apartamentos, irá gerar mais riqueza do que consumir. É assim que a incerteza e o risco são introduzidos nos cálculos econômicos privativos através da manipulação do valor do dinheiro por parte do governo ou como um resultado de seu esforço para influenciar diretamente os preços.

Se sinais enganosos de preços enganam as pessoas a aprovar um projeto que diminui a riqueza dessas pessoas, elas podem eventualmente perder toda sua riqueza. Von Mises explicou que uma economia com níveis significativos de intervenção do governo seria insustentável—um padrão que temos visto ser repetido em todo o mundo através dos anos.

A intromissão do governo em ação

Os governos arranjam capital disponível através de impostos, empréstimos ou pela impressão de moeda. Este capital disponível também vem da expansão do

crédito. Isso é feito autorizando os bancos a emprestarem o mesmo depósito várias vezes. A recente bolha de imobiliária norte-americana foi financiada principalmente pela permissão do governo às corporações, como a Fannie Mae (empresa de financiamento), para emprestar dinheiro baseado em ativos da empresa que estavam sujeitos a mudanças dramáticas de valor pelo mercado (no caso da Fannie, hipotecas).

Em 31 de março de 2008, a Fannie tinha recebido empréstimos de \$804 bilhões (a curto prazo) para comprar mais hipotecas (em sua maioria a longo prazo), enquanto seus acionistas injetaram apenas \$39 bilhões em capital para servir de capital de giro, uma proporção de vinte por um. No seu auge, a proporção pode ter chegado a trinta por um ou ainda pior. Embora o endividamento maciço permita a rápida criação de novos fundos para empréstimos, isto cria para o mercado um sinal enganoso que causa um aumento do *mau investimentos*, e não é preciso uma grande queda sobre a eventual desaceleração para erradicar por completo todo o patrimônio da empresa. E isso foi exatamente o que aconteceu.

O Banco Federal de Reservas dos Estados Unidos tem trocado centenas de bilhões de dólares por dívidas bancárias de baixa qualidade e gerou dinheiro e instrumentos monetários como títulos para que os bancos mantivessem como reservas. A agência de notícias Bloomberg News noticiou em 11 de agosto de 2011, que em 2008 a Banco Federal de Reservas norte-americano gerou um total de \$1,2 trilhões de empréstimos aos bancos, além dos resgates do governo.

As várias formas do Banco Central Europeu resgatar bancos da Grécia e de outros países membros são todos uma forma de impressão de dinheiro—que leva a diluição do valor do euro em mãos de terceiros. Os especialistas temem que este programa de resgate seja muito pequeno para futuras ajudas emergenciais. Os economistas que seguem os passos de Menger e de Von Mises alertam que a dívida antiga não pode ser liquidada por novas dívidas e que qualquer solução proposta que envolva a emissão de mais dívida acabará em fracasso.

Qualquer expansão do crédito por um banco central resulta na criação de nova

dívida que carrega a obrigação de pagar juros. Quando um governo tenta estimular uma economia inflacionando ou emprestando para financiar projetos e esses projetos não conseguem produzir o suficiente benefício econômico para pagar seus custos, o contribuinte é quem deve pagar os juros. Isso se torna um problema quando as receitas orçamentais são insuficientes para pagar as necessidades em curso como a defesa, manutenção de estradas e a assistência para as pessoas realmente necessitadas.

Basicamente, as causas são espirituais

Sem direitos à propriedade, sem um mercado livre, sem informação de preços que permita o cálculo do lucro, sem a capacidade de poupar e investir essas poupanças, e sem dinheiro honesto, torna-se *impossível* para que uma economia cresça. E as raízes da atual crise financeira são encontradas onde esses pontos quebram as leis de Deus.

As pessoas individualmente não podem deliberadamente destruir os direitos de propriedade ou distorcer o valor do dinheiro. Mas os *governos* podem. No entanto, os *governos* geralmente refletem o caráter e os valores—e as demandas—dos povos que representam.

Tiago 1:14 adverte que “cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência”. Aqui estão as raízes de nossa atual crise financeira. Nosso desejo de viver individual e coletivamente além dos nossos recursos—ou exigir que os outros nos resgatem, se conduzimos um negócio à falência—tem-nos atraído e envolvido numa cobiça individual e coletiva.

Pensamos que podemos viver às custas dos outros, mesmo que o governo tenha que imprimir ou pedir dinheiro emprestado para pagar por isso. Mas ninguém tem a autoridade de tomar dos outros o que pode adquirir por si mesmo. O pecado da cobiça dá à luz o pecado do roubo.

Não importa que saneemos e legalizemos isso através de uma democracia. Dizem-nos que todos podemos ser mais prósperos quando propagamos a riqueza dos outros ao redor. Mas isso não conduz a um aumento de prosperidade—exceto para os poucos beneficiários do favoritismo do governo. **(continua na página 15)**

Qual é seu investimento mais seguro?

por Rex Sexton

As famílias têm sido duramente atingidas pela recente crise econômica. A renda pessoal de muitos tem diminuído, e os valores dos imóveis e fundos de aposentadoria se desvalorizaram muito. Onde você pode encontrar um investimento realmente seguro?

João e Sara estavam se sentindo quase ricos. Era março de 2006. Sua casa, que mal podiam pagar a entrada quando fizeram o financiamento há sete anos, tinha mais do que dobrado o valor. Como muitos de seus amigos, eles se comprometeram com uma segunda hipoteca para comprar um barco e algumas coisas para a casa, e para fazer um cruzeiro com seus filhos. “Não há problema”, pensaram, “Podemos facilmente cumprir com os dois pagamentos”.

O montante acumulado da aposentadoria de João também estava maior do que o previsto. Todos os anos o mercado de ações estava subindo, e a companhia aonde o João estava empregado estava em boas condições financeiras e contribuindo para sua aposentadoria. Depois de muitos anos de trabalho duro, João e Sara sentiam que o futuro estava garantido. Parecia que nada poderia dar errado.

Quase ninguém percebeu o que estava por vir.

No que agora está sendo chamada a crise financeira de 2007 a 2010, muito se mudou na vida de muitas famílias na Europa, nos Estados Unidos, e em outras nações ocidentais. O futuro garantido em que milhões de casais como João e Sara acreditavam, foi varrido como o resultado de um “triplo golpe”—o declínio dos valores imobiliários, o mergulho do mercado de ações e a recessão econômica.

Quanto foi perdido? De acordo com um relatório da Pew Charitable Trusts, uma fundação norte-americana, o resultado do cálculo da riqueza perdida pelos norte-americanos na crise de 2008 a 2009, para uma *família típica norte-americana, foi um prejuízo de cem mil dólares* pela queda combinada do valor dos imóveis e do investimento até o final de 2009. Muitos estavam competamente impotentes quando viram suas poupanças de toda a vida virtualmente desaparecerem diante de seus olhos. Enquanto os mercados de investimento recuperaram um pouco desde então, os valores dos imóveis continuam a cair e número de execução



de hipotecas continua a subir.

Além do valor perdido, a fundação Pew acrescenta que a renda familiar média anual norte-americana seria 5.800 dólares maior se não fosse a recessão. Ainda por cima, os diversos gastos do governo—tais como o Troubled Assets Relief Program (TARP - programa criado pelo governo para ajudar as empresas que enfrentaram dificuldades após a crise financeira de 2008) e vários pacotes de estímulo—acrescentaram milhares de dólares da dívida nacional para cada família.

O que causou esta crise financeira? Ou melhor, o que cada um de nós pode fazer agora para reconstruir e proteger o nosso futuro? Existe um investimento realmente seguro?

As raízes da bolha do mercado imobiliário e da falência

A causa imediata que desencadeou a crise financeira foi o estouro da bolha do mercado imobiliário dos Estados Unidos, que atingiu seu pico no início de 2006. Nessa época quase 20% de todas as novas hipotecas eram consideradas “subprime” (de alto risco)—que significa, que o mutuário [aquele que recebeu o empréstimo] não se qualificou para o empréstimo de acordo com os padrões de práticas estabelecidas pelo mercado.

Como um resultado das políticas governamentais e do crédito fácil dos bancos de investimento de Wall Street,

as companhias hipotecárias e os bancos descartaram as bem provadas exigências de qualificação para os mutuários e distribuíram hipotecas de imóveis como se fossem doces. A maioria dos empréstimos subprime só foram possíveis através de empréstimos com taxa de juros ajustáveis, ou seja, os pagamentos eram muito reduzidos durante os primeiros anos, e após um determinado número de anos (geralmente cinco ou sete anos), subiam rapidamente.

Não havia nenhuma garantia de que os mutuários seriam capazes de pagar valores mais altos, por isso a maioria desses empréstimos eram essencialmente jogos de risco esperando que os preços dos imóveis continuassem a sua espiral ascendente. Os mutuários ouviam muitas vezes que poderiam facilmente refinarciar o empréstimo quando os pagamentos mensais subissem.

Parecia haver pouco risco para os bancos e companhias de crédito hipotecário visto que a maioria das hipotecas eram rapidamente vendidas a uma agência respaldada pelo governo—a Federal National Mortgage Association (FNMA ou “Fannie Mae”) ou a Federal Home Loan Mortgage Corporation (FHLMC ou “Freddie Mac”). Estas agências, em conjunto com bancos de investimento, então ‘empacotavam’ centenas dessas hipotecas que foram chamadas de “títulos lastreados por

hipotecas” e venderam a investidores estrangeiros. Grandes comissões foram recebidas por aqueles que intermediaram cada passo dessa cadeia monetária.

Ao mesmo tempo, o crédito fácil resultou em uma rápida ascensão dos valores imobiliários e um número recorde de construção de novos imóveis residenciais e edifícios comerciais por todo o país. De acordo com o depoimento prestado na Comissão de Inquérito da Crise Financeira por Richard Bowen III, que era o principal agente de seguros do setor de análise de risco na operação de hipotecas do Citigroup, o colapso nos padrões de garantia de hipoteca foi endêmico.

A tempestade econômica perfeita começou a chegar ao final de 2006 e 2007 (cerca de cinco anos depois dos empréstimos de taxas de juros ajustáveis terem sido lançados). As taxas de juros começaram a subir, e uma grande porcentagem das hipotecas subprime (de alto risco) entraram em default (calote), já que as pessoas não conseguiam pagá-las. As execuções de hipotecas aumentaram dramaticamente quando os termos iniciais dos empréstimos com taxas reduzidas expiraram.

Na maior parte da nação, os valores dos terrenos caíram em vez de subirem. As vendas de residências desaceleraram ao menor patamar de todos os tempos. Milhões de trabalhadores perderam seus empregos por causa da recessão que começou em 2008, resultando em mais calotes e execuções hipotecárias.

Em setembro de 2011, um impressionante 22,5% de todas as casas nos Estados Unidos—quase uma em cada quatro—estavam “fora do preço”—significando que valiam menos do que o montante devido sobre a hipoteca. Outros cinco por cento estavam perigosamente perto dessa marca. Mesmo agora, poucos economistas tem alguma ideia de quanto tempo levará para esses valores imobiliários se estabilizarem e a economia começar a se recuperar.

Considerando as opções de investimento financeiro

Milhões de famílias sofreram os efeitos da queda dos valores da habitação, perda nos fundos de aposentadoria e em planos similares e, para alguns, o desemprego crônico quando os empregos

desapareceram ou foram terceirizados no exterior.

A grande questão na mente de muitos agora é: Qual é a melhor maneira de planejar o futuro? *Novamente, existe algum investimento seguro?*

Pechinchas de bens imóveis? Alguns analistas estão dizendo aos clientes para investir em imóveis, enquanto os preços estão baixos. A Associação Nacional de Corretores de Imóveis não tem tanta certeza e afirma no seu site: “Agora é o momento certo para investir em imóveis? Alguns dizem que sim, outros dizem que não, e alguns dizem que depende.” Os preços ainda estão em declínio em muitas áreas.

Qual é a melhor maneira de planejar o futuro? Existe algum investimento seguro?

Talvez, metais preciosos? Na última década o preço do ouro e da prata aumentou vertiginosamente. As propagandas incentivando a compra desses metais preciosos aparecem constantemente no rádio e na televisão. Mas eles são um bom investimento nos valores atuais ou poderia ser mais um risco de perda para os investidores?

Grande parte do aumento do preço dos metais preciosos é devido à inflação da moeda—significando a manutenção do valor desses metais, enquanto a moeda perdia valor. No entanto, algumas das causas desse aumento de preços são baseadas no aumento da demanda por esses metais como uma proteção contra a inflação—seja por prudência ou movido por temores.

Se a economia voltar à estabilidade, o valor dos metais poderia despencar. Enquanto muitos analistas ainda estão recomendando investir em ouro, de certo modo, outros aconselham cautela e reflexão sobre o risco potencial.

E quanto ao mercado de ações? Hoje, os mercados de ações têm sido uma

montanha-russa em relação ao ano passado. Alguns dizem que os aumentos são devido à política de “flexibilização quantitativa” do Banco Federal de Reservas (conhecido como QE1 e QE2), os quais têm gerado mais dinheiro do nada, o que elevam os temores de inflação.

E como temos visto recentemente, eventos como a turbulência econômica em alguns países europeus, o desastre do terremoto e tsunami no Japão e o tumulto entre os exportadores de petróleo do Oriente Médio levaram a grandes retrocessos no mercado de ações.

Embora ninguém na terra possa prever o futuro com exatidão, a maioria de nós entende que nos últimos dez anos o investidor médio tem ganhado muito pouco, e provavelmente tem tido algumas perdas, ao investir em ações. E, buscando fugir da montanha-russa das ações, muitos que estão poupando para a aposentadoria estão optando por uma conta de juros simples, como um fundo do mercado monetário, mesmo que os juros sejam muito baixos.

O preocupante monstro da inflação desenfreada

O vício dos gastos e empréstimos dos governos tem simplesmente se tornado uma loucura. Na mais recente proposta de orçamento, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama projeta uma dívida bruta federal de 15 trilhões de dólares este ano, oficialmente igualando-se ao tamanho da economia de todo os Estados Unidos, e saltará para 21 trilhões no prazo de cinco anos. Esta é uma escala de dívida nunca antes escutada, e grande parte desta dívida é devida a nações estrangeiras.

A porcentagem da dívida dos Estados Unidos deverá superar a do Japão e da Grécia, ambos conhecidos pelos resultados de seus pródigos gastos públicos. Ninguém consegue explicar como é que o Estados Unidos poderá pagar isso. Agora, a parcela da dívida nacional está a mais de meio milhão de dólares por cada família nos Estados Unidos!

Enquanto isso, mais de quarenta dos cinquenta Estados dos Estados Unidos estão lidando com déficits orçamentários, e dez deles parecem estar à beira da falência. Os impostos estão aumentando em toda parte, assim reduzindo ainda

mais prosperidade e o emprego.

O norte-americano médio vê diariamente os preços subindo e entende que este é um desastre iminente que provavelmente prejudicará o bem-estar financeiro de quase todo mundo. Todas as economias monetárias e os bens patrimoniais estão em risco.

Quem sabe onde investir para se proteger?

Ainda há bem pouco tempo a França e a China cogitaram a substituição do dólar norte-americano como moeda mundial para o comércio internacional. Quando isso acontecer, os bancos de todo o mundo despejarão dólares no mercado e o espectro da tão temida inflação galopante vai atingir os Estados Unidos como uma espécie de vingança.

Muitos economistas têm vindo a prever esse desastre financeiro nos últimos anos, até mesmo postaram vídeos na internet alertando que podemos perder praticamente tudo o que temos da noite para o dia. Muitas pessoas estão realmente assustadas com o que pode trazer o futuro financeiro, e por muito boas razões.

Então, existe um investimento verdadeiramente seguro—que com certeza manterá a riqueza de uma pessoa ou a aumentará ao longo do tempo? Não na esfera estritamente humana. É claro, devemos tomar medidas financeiras prudentes da melhor maneira possível—talvez dividindo nossas poupanças em diversos investimentos para preservar e aumentar o que temos (na verdade, os investimentos sábios deveriam incluir o investimento na educação, ou mudar para onde a remuneração seja mais alta, ou para onde o custo de vida seja mais baixo). Nada disso, no entanto, proverá a verdadeira segurança que todos precisamos. Contudo, existe algo que pode provê-la.

O homem mais sábio que já viveu contou esta história há muitos séculos: Havia um comerciante de pérolas que buscava boas pérolas. E descobriu uma que era a melhor e mais valiosa pérola que ele já tinha visto. E para ele era tão importante obter essa pérola que vendeu tudo que tinha para comprá-la. A história da “pérola de grande preço” está no Evangelho de Mateus, capítulo 13.

Mas, como essa história era uma parábola, o que representa a pérola? A

resposta é simples: o Reino de Deus.

O seu maior investimento: O Reino de Deus

A compreensão sobre o Reino de Deus é, talvez, o entendimento mais valioso que uma pessoa pode ter, mas há muitos ensinamentos confusos sobre o assunto. João Batista proclamou a mensagem de que “*o reino de Deus está próximo*” (Mateus 3:2, grifo do autor em todo o texto), o que significa, em parte, que a oportunidade de ser incluído nesse Reino estava sendo disponibilizado para toda a humanidade.

Jesus Cristo falou muitas vezes do Seu Reino, que será um governo literal e mundial estabelecido na Terra depois que Ele retornar. Ele disse aos Seus discípulos que as pessoas “*verão vir o Filho do Homem numa nuvem, com poder e grande glória... quando virdes acontecer essas coisas, sabeí que o Reino de Deus está perto*” (Lucas 21:27, 31).

Cristo disse claramente que esse governo vindouro justo e perfeito não será estabelecido na terra antes de Seu retorno triunfante em poder e grande glória. Ele também deixou isso claro em outras ocasiões.

Quantos de nós já recitou o conhecido Pai Nosso, sem entender o claro significado de suas palavras? Estas palavras familiares foram dadas por Jesus Cristo, em resposta ao pedido dos Seus discípulos para ensiná-los a orar: “Portanto, orai vós deste modo: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome; *venha o Teu reino*” (Mateus 6:9-10).

A oração mais comum da cristandade reconhece que o Reino de Deus não está aqui ainda e que os cristãos devem orar fervorosamente por sua vinda!

Jesus também ensinou que trabalho, esforço e dedicação são necessários para que sejamos parte desse Reino. Em Lucas 16:16, Ele declarou: “A Lei e os Profetas duraram até João; *desde então, é anunciado o Reino de Deus, e todo homem emprega força para entrar nele*”.

“Emprega força para entrar” significa *trabalhar* por ele, ou seja, *se esforçar* para entrar nele. A vinda do Reino de Jesus Cristo é algo que precisamos buscar diligentemente. Na verdade, devemos entesourá-lo e persegui-lo acima de tudo em nossas vidas!

O próximo colapso do sistema econômico

Acredite ou não, o colapso do sistema econômico, nos últimos dias foi previsto por ninguém menos que o próprio Jesus Cristo! Em uma parábola registrada para nós em Lucas 16, Jesus estava falando sobre o dinheiro e as riquezas do mundo e disse: “*Quando estas vos faltarem...*” (Versículo 9).

Observe que ele não disse: “*Se faltar*”—e sim “*Quando faltar*”. A visão do apóstolo João registrada no livro de Apocalipse inclui a notícia de um iminente e enorme desastre financeiro que vai ocorrer dentro de um período breve de tempo: “*Porque numa hora foram assoladas tantas riquezas*” (Apocalipse 18:16).

Ezequiel fala de forma semelhante sobre um momento em que o ouro e a prata serão jogados fora nas ruas como se não tivessem nenhum valor! “*A sua prata lançarão pelas ruas, e o seu ouro será como imundícia; nem a sua prata nem o seu ouro os poderá livrar no dia do furor do SENHOR*” (Ezequiel 7:19).

Essa época de colapso econômico com certeza virá. Muitos especialistas acreditam que já há indícios de que pode estar muito próxima. Todos nós precisamos evitar dívidas e planejar sabiamente nossas finanças da melhor maneira possível nesses tempos desafiadores. Mas, sem Deus, todo nosso planejamento e salvaguarda de bens, afinal de contas, é em vão. O único investimento realmente seguro, a única maneira duradoura de bem-estar e recompensa, é *buscar o Reino de Deus!* *BN*

Tumulto (continuado da página 12)

E por isso temos de viver com as consequências de nosso comportamento e escolhas coletivas; consequências que teríamos evitado se tivéssemos seguido as leis de Deus individual e coletivamente. Como Gálatas 6:7, abertamente, nos diz: “Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará”.

Como nações e indivíduos, todos nós precisamos nos arrepender e nos certificar se estamos seguindo o que Deus diz quando se trata de nossas escolhas econômicas e interação—e, humildemente, pedir-Lhe que nos livre da confusão que nós mesmo nos metemos. *BN*

O Dia de Natal na Bíblia?

photos.com



Muitas pessoas pensam que festividades populares como o Domingo de Páscoa e o dia de Natal são corretas representações dos temas bíblicos.

No entanto, a Palavra de Deus não nos dá nenhum mandamento para celebrarmos estes dias, nem se lê em qualquer lugar na Bíblia que a Igreja durante o período do Novo Testamento tenha guardado estes dias. Contudo, Deus nos manda observar outros festivais, os quais são raramente reconhecidos. Para aprender mais o que Deus diz acerca dos Seus Festivais, visite o nosso site www.revistaboanova.org. Aí pode baixar ou pedir a sua cópia gratuita do nosso livro “O Plano Dos Santos Dias De Deus”.



www.revistaboanova.org



Todos nós estamos interessados no que o futuro nos guarda. Existe alguma maneira de saber o que está por vir? Onde devemos procurar as respostas? Como é que os eventos futuros afetarão as nossas famílias e os nossos entes queridos?

Ataques de terroristas que chocam o mundo inteiro fazem-nos entender o facto que, o que acontece no Oriente Médio, afeta a todos nós, seja onde for que vivemos. Você precisa entender o que está profetizado para acontecer ainda no Oriente Médio. Se você reconhece ou não, se você compreende ou não, os eventos afetarão a vida de todas as pessoas na terra.

Os esforços humanos em predizer o futuro são particularmente imprecisos. Muitos videntes e profetas têm estado errados frequentemente. Mas há uma maneira certa de saber o que o futuro. O futuro está escrito com antecedência

nas páginas da Bíblia!

O livro de Apocalipse, é para muitas pessoas um livro muito confuso. Acham os seus símbolos e imagens estranhas misteriosas. Mas é um livro para nos revelar “coisas que brevemente devem acontecer”.

Nós preparámos dois livros excitantes que lhe abrirão os olhos—*O Livro de Apocalipse Revelado* e *O Oriente Médio na Profecia Bíblica*—e que lhe ajudarão a entender o que vai acontecer nos próximos dias.

Para obter mais informações, por favor, baixe ou solicite suas cópias gratuitas de “*O Livro de Apocalipse Revelado*” e “*O Oriente Médio na Profecia Bíblica*” do nosso site www.revistaboanova.org.



Visite o nosso site: www.revistaboanova.org